

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS EM LIVROS/COLEÇÕES DIDÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO APROVADAS PELO PNLD (1998 - 2016): UM ESTUDO A PARTIR DAS RESENHAS DO GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS*

AUGUSTO VINÍCIUS OLIVEIRA DA SILVA

Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, augustoviniciussilva.avs@gmail.com;

ALEXSANDRO DA SILVA

Professor orientador: Doutor em Educação pela UFPE. Professor do Núcleo de Formação Docente do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE. Contato: alexs-silva@uol.com.br;

* Este trabalho contou com apoio da Propesqi/UFPE/CNPq.

RESUMO

O livro didático, embora não seja o único, é um importante recurso pedagógico e parece desempenhar um papel importante na definição do currículo escolar. Considerando que o PNLD, ao instituir critérios e avaliar esses materiais, legitima determinadas perspectivas teórico-metodológicas e impulsiona mudanças nos livros didáticos, realizamos uma pesquisa documental, tomando como objeto as resenhas constantes nos Guias de Livros Didáticos de duas das coleções mais aprovadas nas edições do PNLD entre 1998 e 2016, investigando mudanças e permanências observadas nessas coleções no período indicado. Nossa análise, que teve como suporte a análise de conteúdo, concentrou-se nos conhecimentos linguísticos referentes ao sistema de escrita alfabética. A partir dos dados obtidos, percebemos algumas permanências e tendências de mudanças nas coleções analisadas, que se relacionavam diretamente ao que os avaliadores apontavam ou “criticavam” nas resenhas de edições anteriores do PNLD.

Palavras-chave: Alfabetização; Livros didáticos; Mudanças; Permanências.

1. INTRODUÇÃO

O livro didático é um dos recursos pedagógicos mais usados no cotidiano da sala de aula e, por esse motivo, parece desempenhar um papel importante na definição do currículo escolar (BATISTA; COSTA VAL, 2004). No caso da alfabetização, as antigas cartilhas, que concretizaram, ao longo do tempo, os diferentes métodos de ensino de leitura e escrita, tiveram presença marcante nas salas de aula. Morais e Albuquerque (2005), por meio de uma análise documental, constataram que as cartilhas analisadas, além de apresentarem os chamados pseudo-textos, não propunham atividades de produção textual.

No Brasil, ao longo dos anos, sobretudo a partir da instituição do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), as cartilhas foram sendo progressivamente substituídas pelos chamados “livros didáticos de alfabetização”. Monteiro (2004), ao analisar a tendência da produção editorial dos livros didáticos de alfabetização inscritos no PNLD de 1998 e no de 2001, observou, de uma avaliação para a outra, uma diminuição significativa do número de livros vinculados aos métodos tradicionais e, em um movimento contrário, um aumento de obras que se identificavam com os pressupostos da psicogênese da escrita e das teorias da enunciação.

O PNLD, ao instituir critérios de avaliação e ao avaliar livros didáticos com base nesses critérios, legitima determinadas perspectivas teórico-metodológicas e, ao mesmo tempo, impulsiona mudanças nesses materiais. Considerando que tais mudanças situam-se em um campo de consensos e de disputas em torno da alfabetização, o trabalho que ora apresentamos inscreve-se nessa problemática e visou analisar mudanças e permanências em livros/coleções didáticas de alfabetização aprovados pelo PNLD, a partir das resenhas constantes no Guia de Livros Didáticos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na década de 1990, surgiram, no Brasil, em substituição às antigas cartilhas, os chamados “livros de alfabetização”. Esse fenômeno, que se relaciona em parte à propagação de novas perspectivas teóricas, ocorreu, também, por conta do impacto da avaliação pedagógica desses materiais desenvolvida pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Criado em 1985 pelo Ministério da Educação (MEC), esse Programa teve, segundo Batista e Costa Val (2004), suas características alteradas a partir de 1996, quando se iniciou o processo de avaliação pedagógica dos livros

didáticos. Seus objetivos centrais são a avaliação, aquisição e distribuição de livros didáticos para os alunos das escolas públicas¹.

Como decorrência desse processo, viu-se, nos últimos anos, uma mudança significativa nos livros didáticos que têm sido submetidos ao PNLD. Segundo Costa Val e Castanheira (2005), entre 1998 e 2004, observa-se uma diminuição do número de obras não aceitas e um aumento gradativo de obras aprovadas, na área de Alfabetização e Língua Portuguesa. Essas autoras constataram, também, nesse mesmo período, um crescimento do volume de livros com menções mais altas (recomendadas e recomendadas com distinção), embora, em todas as avaliações, essas menções tenham sido menos frequentes que a mais baixa (recomendada com ressalvas)².

Entretanto, alguns estudos, como o de Morais e Albuquerque (2005), já citado anteriormente, constataram, nesses novos livros didáticos, a presença do processo de “desinvenção da alfabetização”. Esses autores perceberam que os novos livros didáticos analisados por eles tendiam a apresentar uma diversidade de textos de diferentes gêneros, o que evidenciava uma preocupação com o letramento. Por outro lado, o ensino da escrita alfabética ocupava nesses livros um lugar secundário, tanto em relação ao número de atividades, quanto à natureza delas. Tais atividades envolviam, de modo geral, palavras ou letras como unidades de análise e quase não promoviam a reflexão fonológica.

Assim como Morais (2012), entendemos o sistema de escrita alfabética (SEA) como um sistema de notação e não como um “código”. Sendo assim, a sua aprendizagem não se daria de forma imediata e nem por meio do acúmulo de informações prontas que seriam “transmitidas” pelo professor. Segundo o autor, não se pode passar de um estado de não compreensão das propriedades que envolvem o sistema de escrita para, no dia seguinte, entender as relações complexas entre letras e sons por meio de simples repetição/memorização, como aconteceria no processo de aprendizagem de um código.

1 A partir do Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, esse Programa sofreu polêmicas mudanças e teve sua nomenclatura alterada para Programa Nacional do Livro e do Material Didático, incorporando também o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), além do processo de avaliação de outros materiais didáticos e pedagógicos.

2 As categorias “recomendada com distinção”, “recomendada” e “recomendada com ressalvas” eram utilizadas, na época, pelo PNLD para classificar os livros avaliados.

Como alternativa, o autor defende uma “perspectiva evolutiva” de aprendizagem do sistema de escrita e apresenta a teoria da Psicogênese da Escrita, divulgada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky em 1979, a qual teve grande influência no Brasil a partir dos anos 1980. Essa teoria defende um aprendizado do SEA baseado em etapas (ou hipóteses), nas quais o aprendiz necessitaria desvendar as propriedades do sistema de escrita. Por outro lado, Morais (2012) também defende o desenvolvimento da consciência fonológica, que constitui um conjunto de habilidades de reflexão consciente sobre os sons das palavras e de manipulação dessas unidades. Essas habilidades interagem, de acordo com o autor, com o percurso evolutivo descrito pela psicogênese da escrita.

Pode-se afirmar que os livros didáticos de alfabetização e os critérios utilizados para avaliá-los situam-se em um campo de embates em torno dos sentidos da alfabetização, que, conforme apontado por Soares (2014), não são homogêneos, quer do ponto de vista do saber, quer ponto de vista do fazer. A instituição de critérios de avaliação pelo PNLD legitima determinadas perspectivas teórico-metodológicas no campo da alfabetização e, ao mesmo tempo, impulsiona mudanças nesses materiais.

3. METODOLOGIA

Nesta pesquisa, adotamos, em consonância com a natureza do objeto e dos objetivos do estudo, a análise documental como procedimento metodológico, conforme Laville e Dionne (1999). A análise documental que desenvolvemos foi realizada a partir das resenhas de livros/coleções didáticas de alfabetização que foram aprovadas, com o mesmo título e a mesma autoria, em diferentes edições do PNLD, considerando aquelas que contemplam a avaliação de livros ou coleções de alfabetização. Em uma análise exploratória do Guia de Livros Didáticos correspondente a essas edições, constatamos que os livros/coleções didáticas mais aprovados no recorte temporal estudado foram Porta Aberta, Linhas & Entrelinhas, (Novo) Bem-me-quer e A Escola é Nossa. Para o presente trabalho, selecionamos as duas últimas para análise e discussão.

Na análise das resenhas dos livros/coleções selecionados, contemplamos o eixo de ensino de língua portuguesa do ciclo de alfabetização relativos ao sistema de escrita alfabética, tomando como objeto de análise indícios de mudanças e de permanências ocorridas nas obras analisadas, conforme indicações das resenhas. Os dados gerados por meio

da análise documental foram tratados com o apoio da análise de conteúdo, conforme definido por Bardin (2004).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando as discussões teóricas que fundamentam este trabalho e por meio dos principais dados obtidos por meio das análises feitas nas resenhas constantes nos Guias dos Livros Didáticos, delineamos ocorrências e recorrências que, no recorte temporal estudado (1998-2016), foram mais evidentes nos livros de alfabetização e letramento.

A seguir, apresentaremos os principais resultados das resenhas dos dois livros/coleções aqui analisadas.

4.0.1. (NOVO) BEM-ME-QUER

A resenha da coleção *Bem-me-quer* do **PNLD 2007** descreve as atividades de aquisição do SEA da obra como inseridas uma proposta “contextualizada” e “analítico-sintética”, a qual privilegia o trabalho inicial com a letra e, posteriormente, com a palavra (decomposição e análise), que, segundo a resenha, passam a constituir um “repertório de formas fixas”. Nessa edição, é apontada, ainda, a falta de uma maior sistematização na exploração e no trabalho com a sílaba e a consciência fonológica. Por fim, a resenha realça as qualidades das propostas de aquisição do SEA como “interessantes”, mas alertam para a necessidade do desenvolvimento de um trabalho mais enfático, por parte do professor, sobre relações entre letras e sons.

Para a edição do **PNLD 2010**, a coleção³ apresenta dois volumes e algumas mudanças em relação à sua edição anterior, como o trabalho com as relações entre letra e som, que está presente nos dois volumes. Há um foco direcionado ao trabalho com as sílabas (algo apontado como uma *lacuna* na edição anterior), que também se estende por toda a coleção, assim como o treino da caligrafia. A resenha ainda traz referências a anexos, com jogos para o trabalho com as letras do alfabeto. A análise identificou algumas permanências, que são: o trabalho diversificado com a distinção entre diferentes tipos de letras e outros símbolos gráficos;

3 A coleção também apresenta uma ligeira mudança em seu título, que acrescenta o adjetivo “novo”, em relação a edição de 2007, passando a se chamar “Novo Bem-me-quer” (BRASIL, 2009 p. 107).

e a composição e análise de palavras. Destacamos que as de atividades de apropriação do SEA, segundo a resenha, distribuem-se de forma progressiva durante toda a coleção de dois livros, embora estejam em maior quantidade no primeiro volume.

O **PNLD 2013** traz a adoção de três volumes para a proposta de alfabetização e letramento. No primeiro volume, os avaliadores explicitam que essa edição dá uma ênfase maior ao trabalho com a ortografia e, por isso, as atividades de aquisição do SEA acabam sofrendo um certo “aligeiramento” – esse desequilíbrio não havia sido evidenciado na edição passada, mesmo com a aparição das atividades de ortografia junto às do SEA. Os avaliadores também atentam para a necessidade de ampliação e sistematização do trabalho com essas atividades, principalmente no que diz respeito às estruturas silábicas e à exploração das relações letra-som. As atividades com o estudo da caligrafia são mantidas, assim como as atividades de distinção entre letras e outros sinais gráficos e a análise e composição de palavras. A resenha também traz menções a anexos que auxiliam no trabalho do domínio do SEA.

Na avaliação do **PNLD 2016**, os avaliadores atestam a forma progressiva pelas quais as atividades reservadas à apropriação do SEA distribuem-se ao longo dos três primeiros volumes/anos. A distribuição dessas atividades estende-se, significativamente, até o volume 3, evidenciando aspectos já vistos na edição do PNLD 2010. Há, porém, um trabalho maior com o SEA no volume 1 e algumas atividades trazidas nesse primeiro volume (atividades diversificadas para a distinção e identificação das letras e também a formação e análise de palavras) mantém-se. O volume 2 apresenta uma quantidade significativa de atividades voltadas à apropriação do sistema de escrita, enquanto o volume 3 investe mais nas atividades que promovem o domínio da ortografia. A resenha indica ainda que, apesar de diversificadas, as propostas de ensino da escrita alfabética precisariam inserir atividades que promovessem a análise de diferentes estruturas silábicas e a segmentação entre palavras, além de mais atividades, no volume 3, de consolidação da escrita alfabética e das correspondências grafofônicas.

4.0.2. A ESCOLA É NOSSA

A resenha da coleção *A Escola é Nossa* no **PNLD 2007** traz importantes aspectos abordados na obra com relação à compreensão do SEA, como a reflexão sobre as relações entre letra e som e o desenvolvimento

da consciência fonológica. Os avaliadores destacam que a progressão é “clara e adequada”, assim como há uma preocupação com atividades contextualizadas e “socialmente significantes”. Segundo a resenha, a obra considera importante o conhecimento prévio do aluno para a apropriação do SEA e trabalha com isso. Nas unidades, há, também, um grande foco no trabalho com letras e sílabas. Na primeira parte do livro (o livro é dividido em duas partes), há atividades que visam ao auxílio na compreensão de que usamos letras para escrever e de suas diferenças com relação a outros símbolos gráficos, além da identificação da sílaba como unidade fonológica. Não há, segundo a resenha, um trabalho que vise a estudar a quantidade de letras e de sílabas nas palavras.

No **PNLD 2010**, a resenha analisada apresenta muitas permanências, ao menos no que se refere ao processo de aquisição do SEA na edição anterior. As atividades de apropriação do SEA concentram-se, em sua maior parte, de acordo com os resenhistas, no primeiro dos dois volumes, e há uma integração entre o estudo do SEA e o eixo da leitura, por meio de palavras-chave (o que é mencionado na edição anterior), a partir das quais se desenvolve o enfoque com o trabalho com letras (identificação e distinção de letras de outros símbolos) e sílabas (que buscam desenvolver a consciência fonológica e a segmentação de palavras, algo não mencionado na edição anterior). Para as atividades mencionadas, é descrita uma característica analítica e de progressão da complexidade (exemplo: o estudo dos dígrafos é apresentado após o estudo das letras, algo também não mencionado na edição anterior). Nesse volume, a resenha ainda menciona, pela primeira vez, o trabalho com a caligrafia. No segundo volume, menciona-se a continuidade da consolidação do processo de apropriação do sistema alfabético, embora o espaço ocupado pelas questões gramaticais reduza aquele reservado a essa consolidação.

No **PNLD 2013**, poucas mudanças surgem. A resenha aponta que o estudo do SEA aparece em toda a obra (3 volumes), embora concentre-se em maior quantidade no primeiro (apropriação) e no segundo (consolidação). Sua estrutura segue a mesma apresentada nas edições anteriores: palavras-chave, a serem analisadas gráfica e sonoramente. A resenha ainda ressalta que todas as atividades seguem uma progressão de complexidade e em situações contextualizadas, algo também já mencionado em edições anteriores. O trabalho com *grupos silábicos*, que se recomenda a ampliação, é abordado em situações de composição e segmentação de palavras e identificação das sílabas em outras palavras, assim como o estudo dos dígrafos, após o estudo das letras.

Na resenha do **PNLD 2016**, a organização já citada em torno de palavras-chave constante no primeiro volume, assim como atividades de identificação e distinção de letras e outros sinais gráficos, o estudo progressivo dos sons das palavras e de suas relações com as letras (com menções importantes aos dígrafos) permanecem. A distribuição de atividades de apropriação do SEA nos três volumes também não apresenta mudanças aparentes, sendo o primeiro reservado à apropriação do SEA e o segundo para sua consolidação (com atividades que envolvem o trabalho com as sílabas e as relações entre letras e sons).

4.1. MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS COLEÇÕES ANALISADAS

Em nossas análises, percebemos que a coleção (Novo) Bem-me-quer (BMQ) apresentou uma linha crescente de mudanças, porém percebemos também que, desde o PNLD 2007, a resenha que avaliava a obra BMQ já trazia referências a atividades contextualizadas e reflexivas para o ensino do SEA (o que caracterizou uma permanência nas edições seguintes). Por outro lado, a resenha também chamava atenção para a “falta” de uma maior sistematização de um trabalho com as sílabas e do desenvolvimento da consciência fonológica. Essa “crítica” implicaria em uma mudança identificada no Guia do PNLD 2010, pois a lacuna com relação à sistematização mencionada na edição anterior não é mais apontada. Em vez disso, os avaliadores atentam para o “extenso trabalho com sílaba” que a obra proporciona e que se estende pelos dois volumes da coleção.

Outra ocorrência interessante aparece no Guia do PNLD 2013, quando os avaliadores atentam para um “tratamento enfático” dado às regras ortográficas ainda no primeiro volume, o que prejudicaria o desenvolvimento da abordagem de determinadas capacidades do SEA. Além disso, os avaliadores atentam, também, para a falta de uma maior consolidação das propriedades do sistema de escrita no segundo volume. No Guia de 2016, no entanto, não há menções ao trabalho excessivo dado às regras ortográficas, e “o volume 2 apresenta uma quantidade significativa de atividades de apropriação do sistema de escrita” (BRASIL, 2015, p.104), denotando um trabalho progressivo com o SEA.

Essas mudanças feitas pelas autoras da coleção BMQ, de um PNLD para o outro, corroboram com o que indicam Albuquerque e Ferreira (2019), em um artigo no qual também analisam as mudanças nos livros de alfabetização distribuídos pelo PNLD. Segundo essas autoras, as

mudanças encontradas relacionariam-se com as “críticas” constantes nas resenhas avaliativas e que serviriam de orientações para edições seguintes de suas propostas (ALBUQUERQUE; FERREIRA, 2019).

No caso da coleção A Escola é Nossa (AEN), nossas análises mostraram que, embora as resenhas evidenciem mudanças no PNLD 2010, essa coleção apresentou, comparativamente, uma linha de mudanças estável nas edições seguintes. A mesma abordagem composicional das atividades, bem como as atividades em si – que foram identificadas pelos avaliadores no PNLD 2007 –, são relatadas nos outros três Guias analisados. São atividades, segundo o que consta na resenha, que privilegiam o conhecimento prévio do aluno, por meio de atividades contextualizadas e reflexivas, bem como com um evidente trabalho progressivo.

Destacamos que a avaliação ainda aponta outras menções positivas em relação à AEN. No Guia do PNLD 2007, por exemplo, a obra encontra-se no Bloco 2⁴ do Guia, que lista as obras “que abordam de forma equilibrada os diferentes componentes da alfabetização e do letramento” (BRASIL, 2006, p. 24); e, no PNLD 2013, entre os pontos fortes da obra, é mencionado a abordagem do ensino do SEA articulado ao eixo de leitura.

Em síntese, ressaltamos a necessidade de um ensino do SEA que privilegie atividades reflexivas e contextualizadas e que busquem auxiliar a criança se apropriar do SEA, respeitando as hipóteses e etapas de seu percurso evolutivo. Destacamos aqui, segundo o que consta nas resenhas, que as coleções apresentam atividades que buscavam, em maior ou menor grau, propor um ensino baseado nesses preceitos, corroborando com o que Morais (2007), já citado neste estudo, defende para a apropriação do sistema de escrita:

[...] o sistema alfabético não surge, simplesmente, do exterior, a partir de informações transmitidas pelo meio (a escola, a professora), mas é fruto da transformação que o próprio aprendiz realiza sobre seus conhecimentos prévios sobre o mesmo SEA, ao lado das novas informações com que se defronta e que não se encaixam naqueles conhecimentos prévios (MORAIS, 2012, p. 52).

Reiteramos, também, que nossas análises não encontraram nas resenhas o que foi apontado por Costa Val e Castanheira (2005) com relação

4 O **Bloco 1** refere-se às obras que “que abordam de forma desigual os diferentes componentes da alfabetização e do letramento”; e o **Bloco 3**, àquelas “que privilegiam a abordagem da apropriação do sistema de escrita (BRASIL, 2006, p. 24).

à falta de sistematização do ensino do SEA nas atividades, o que contribuiria para que os professores não usassem os livros didáticos, por eles pouco ajudarem no trabalho com o SEA. Nesse sentido, nossas análises corroboraram com o que indicam Albuquerque e Ferreira (2019), que observaram uma superação desse aspecto nas edições até então mais recentes dos livros aprovados pelo PNLD.

Cabe destacar, aqui, que a menor frequência de mudanças no eixo referente ao ensino do SEA não necessariamente indica que as obras não passaram por mudanças significativas em outros eixos do ensino de língua portuguesa (leitura, produção textual e oralidade) que não foram nosso objeto de análise.

Por fim, concebemos que o PNLD, ao avaliar as obras didáticas, fomenta mudanças nos materiais que são distribuídos nas escolas públicas do país. Acreditamos, desse modo, que essas mudanças contribuem para o aperfeiçoamento do material que será disponibilizado às escolas públicas do país. Esse aspecto está relacionado também ao fato de tais mudanças serem impulsionadas por pesquisadores da alfabetização, que, desde cedo, investigaram e indicaram a necessidade de mudanças no ensino de alfabetização no país.

CONCLUSÕES

As análises e discussões realizadas neste estudo demonstram que a avaliação dos livros/coleções didáticas pelo PNLD implicou mudanças na forma como os autores produzem e revisam suas propostas didáticas. Tais mudanças proporcionam uma melhoria na qualidade do perfil das obras distribuídas pelo Programa, tanto por considerarem aspectos importantes indicados nas avaliações para alfabetização, como também por estarem de acordo com as discussões acadêmicas desse campo.

Essas discussões trazem luz aspectos importantes do trabalho pedagógico com o sistema de escrita alfabética, como, por exemplo, a necessidade de um ensino sistemático do sistema de escrita, sem abandonar, entretanto, atividades reflexivas e contextualizadas, que respeitem as hipóteses do aluno e distanciem-se de práticas que tratem o SEA como um simples código.

Apesar de não se relacionar ao nosso objeto de estudo, cabe acrescentar o que indica Silva (2010) a respeito de um processo que a autora denomina de “homogeneização” dos livros didáticos, identificado, segundo ela, desde o PNLD de 2001. Durante nossas análises,

encontramos elementos que, segundo a autora, caracterizariam esse processo de uniformidade (como, por exemplo, o uso de unidades temáticas e elementos constitutivos dessas unidades semelhantes entre si). Consideramos, portanto, que esse processo necessita de um estudo mais aprofundado.

Por fim, consideramos muito salutar as influências que o PNLD proporcionou quanto às mudanças identificadas nos livros/coleções que analisamos, pois, embora não único, o livro didático ainda constitui um dos principais materiais de trabalho de professoras e professores de alfabetização de todo o país. Ademais, indica a melhoria contínua do ensino de língua portuguesa em um de seus principais e mais importantes eixos de ensino no início da escolarização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, E. B. C.; FERREIRA, A. T. B. Programa nacional de livro didático (PNLD): mudanças nos livros de alfabetização e os usos que os professores fazem desse recurso em sala de aula. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.** Rio de Janeiro v. 27, n. 103, p. 250-270, junho de 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0104-40362019002701617> >.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BATISTA A. A. G.; COSTA VAL, M. G. Livros didáticos, controle do currículo, professores: uma introdução. In: BATISTA A. A. G.; COSTA VAL, M. G. (Orgs.). **Livros didáticos de alfabetização e de português: os professores e suas escolhas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BATISTA, A. A. G. Alfabetização, leitura e ensino de português: desafios e perspectivas curriculares. **Revista Contemporânea de Educação**, nº. 12, p. 9-35, 2011.

BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. O.; KLINKE, K. Livros escolares de leitura: uma morfologia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 27-47, 2002.

BRASIL. **Guia de livro didático 2007: alfabetização: séries/anos iniciais do ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

_____. **Guia de livros didáticos:** PNLD 2010: letramento e alfabetização/ língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.

_____. **Guia de livros didáticos:** PNLD 2013: letramento e alfabetização e língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

_____. **Guia de livros didáticos:** PNLD 2016: Alfabetização e Letramento e Língua Portuguesa: ensino fundamental anos iniciais. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2015.

_____. **Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm>. Acesso em: 1 ago. 2020.

COSTA VAL, M. G. *et al.* Padrões de escolha de livros e seus condicionantes: um estudo exploratório. In: BATISTA A. A. G.; COSTA VAL, M. G. (Orgs.). **Livros didáticos de alfabetização e de português:** os professores e suas escolhas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.

COSTA VAL, M. G.; CASTANEIRA, M. L. Cidadania e ensino em livros didáticos de alfabetização e de língua portuguesa (de 1ª a 4ª série). In: COSTA VAL, M. G.; MARCUSCHI, B. **Livros didáticos de língua portuguesa:** letramento e cidadania. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FERREIRA, A. T. B.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; CABRAL, A. C.; TAVARES, A. C. Livros de alfabetização: como as mudanças aparecem? In: COSTA VAL, M.G. **Alfabetização e língua portuguesa:** livros didáticos e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2009.

FRADE, I. **Des supports pédagogiques pour apprendre à lire dans le Brésil post-colonial :** héritages et innovations (1840-1960), Histoire de l'éducation, 138, 2013, 69-94.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MONTEIRO, S. M. Exercícios para compreender o sistema de escrita nos livros de alfabetização. In: BATISTA A. A. G.; COSTA VAL, M. G. (Orgs.). **Livros didáticos de alfabetização e de português: os professores e suas escolas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.

MORAIS, A. G.; **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C. Novos livros de alfabetização: dificuldades em inovar o ensino do sistema de escrita alfabética. In: COSTA VAL, M.G.; MARCUSCHI, B. **Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

SILVA, C. R. Formas de uso dos novos livros de alfabetização: por que os professores preferem os métodos tradicionais? In: COSTA VAL, M.G.; MARCUSCHI, B. **Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

_____. Impactos do Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD): a qualidade dos livros de alfabetização. In: DALBEN, A. et al. **Convergências e tensões da formação e do trabalho docente: Alfabetização e letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.